



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2018
ISSN 1887-4606
Vol. 12(3) 412-424
www.dissoc.org

Artigo

**Rir de si nas redes sociais: memes e
autoderrisão**

*Laugh at yourself in social networks: memes and
self-derision*

Cellina Muniz

Departamento de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A pretensão, com este artigo, é refletir sobre o fenômeno da autoderrisão – mais uma manifestação discursiva do humor – nas redes sociais. Mais especificamente, trata-se de refletir sobre a zombaria de si nos gêneros discursivos memes. Contrariando em parte uma concepção platônico-aristotélica sobre o riso (uma condição do animal humano, mas que é fruto de um “duplo erro”), o objetivo é demonstrar, por meio de alguns exemplos, como a estética de memes em que o “eu” é tomado como objeto de zombaria faz valer uma outra compreensão ética sobre o riso – baseada no pensamento nietzscheano –, mas que faz uso de procedimentos linguageiros tradicionais ao discurso humorístico (hipérboles, paródias, ambiguidades, ironias etc.).

Palavras-chave: Humor; meme; autoderrisão

Abstract

The pretension, with this article, is to reflect on the phenomenon of self-derision - another discursive manifestation of humor - in social networks. More specifically, it is a matter of reflecting on the mockery of itself under the genres of discursive memes. In part contrary to a Platonic-Aristotelian conception of laughter (a condition of the human animal, but which is the result of a "double error"), the objective is to demonstrate, through some examples, the aesthetics of memes in which the "I" is taken as the object of mockery and makes use of another ethical understanding of laughter - based on Nietzschean thought - but which makes use, however, of traditional linguistic procedures to humorous discourse (hyperbole, parody, ambiguity, irony, etc.).

Keywords: Humour; meme; self-derision

Introdução

Pode-se afirmar, sem muita hesitação, que a produção, circulação e consumo de *memes*, gênero discursivo próprio das redes sociais digitais, configuram uma ética/estética muito própria do mundo pós-moderno. Harvey (1994) aponta como características predominantes dessa condição pós-moderna exatamente traços facilmente identificáveis nesses gêneros discursivos: uma perspectiva de realidade fragmentária e descontínua¹, o fortalecimento da linguagem como colagem e a ênfase em saberes locais e microcelulares (DARVEY, 1994, p. 47-56).

Pode-se ainda acrescentar, a respeito do *meme*, o que Maffesoli (1987) concebe como *socialité* típica da contemporaneidade, isto é: a experiência estética de uma ética que revela um “estar junto à toa” orgânico e visceral de comunidades (no caso, digitais) em que a vida, exaltada em seu “aqui-agora”, pode ser considerada uma obra de arte coletiva. O *meme*, nesse sentido, poderia ser encarado como uma das “formas lúdicas da socialização” da contemporaneidade (MAFFESOLI, 1987, p. 114). Tal experiência estética se ampara, sobretudo, na multimodalidade, em que o encontro entre o verbal (escrito) e o não-verbal (imagético, audiovisual) implica um choque de contextos de enunciação do qual pode advir o efeito de riso².

Essa perspectiva ética/estética do gênero *meme* pode ser entrevista na seguinte afirmação de Dawkins, autor de *O gene egoísta*, obra pioneira que abordava já em 1976 esse fenômeno de “unidade mínima de memória” (2007):

Exemplos de *memes* são melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os *memes* propagam-se no "fundo" de *memes* pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 2007, p.112).

E o que pode dizer o humor em *memes*, gênero discursivo que reatualiza uma memória discursiva em sua composição intersemiótica e multimodal, efemeramente espalhados e re-espalhados em profusão pelas malhas das diversas redes sociais que marcam as relações na contemporaneidade? E ao fazer apelo ao riso, e especialmente a um certo tipo de riso – aquele em que o “eu” é o objeto risível –, a que discursos e concepções de riso estes memes se filiam?

Duas concepções sobre o riso

Uma das mais antigas teorias na história do pensamento ocidental – e que implica um discurso vigente até hoje sobre o riso – foi proposta por Platão, ainda que tangencialmente – afinal, a questão a ser discutida entre o sábio Sócrates e o hedonista Filebo é o que estaria atrelado ao Bem, se o conhecimento ou o prazer (e com este último, por desdobramento, o riso).

Este diálogo de Platão (2009), de caráter ético de fins do século IV a. C., faz uma classificação e hierarquização dos tipos de prazeres do mundo, no que entra a discussão sobre a natureza do Verdadeiro, do Belo e do Bom. Nesse sentido, já se pode antecipar que essa reflexão sobre o riso não deixa de ter um tom de condenação moral:

Ora, Filebo sustenta que todo o prazer é a meta acertada de todo ser vivo, que tudo deve convergir para ele e que, portanto, é também o bem de todos, de sorte que as duas palavras *bom e prazeroso* significam própria e essencialmente o mesmo; Sócrates, contudo, declara que não são a mesma coisa, mas realmente duas coisas distintas, como distintas são as palavras que os designam, que o bem e o prazeroso diferem mutuamente quanto à natureza, e que a parcela do saber no bem é maior do que a do prazer (PLATÃO, 2009, p. 260).

A discussão parte da diferenciação entre prazeres verdadeiros (aqueles ligados no conhecimento e puramente espirituais) e prazeres falsos (que implicariam uma mistura de prazer e dor). Dentre esses últimos, haveria três categorias: as corporais, as semicorporais e semiespirituais. Nessa última categoria, que são as afecções da alma, parte-se por sua vez de três pressupostos para considerar a natureza do risível (*gelaion*). 1: inveja e malícia são dores da alma; 2: o invejoso se regozija com o infortúnio alheio; 3: ignorância e estupidez são males.

Partindo desses três pressupostos, considera-se então o riso tanto no que diz respeito ao seu objeto (aquilo que é risível) quanto o seu sujeito ridente.

O preceito “conhece-te a ti mesmo” do Oráculo de Delfos era uma máxima perpetuada por Sócrates que atuaria como critério de medida de Verdade. Então, se alguém se julgar mais forte, mais sábio, mais virtuoso ou mais belo do que geralmente é, este alguém, por ignorância, se mostra como um ser risível, ridículo. Um vício, portanto (PLATÃO, 2009, p. 240).

Quanto ao sujeito ridente, também se pode associá-lo a um erro: classificando as pessoas em amigos ou inimigos, pode-se pensar que, se rimos de um inimigo, aí não há nem injustiça nem inveja; mas ao rirmos de nossos amigos fracos (aqueles que ignoram suas reais condições), misturamos aí ao prazer do riso um elemento de inveja, ou dor da alma.

O riso, pois, na concepção de Platão, se assenta numa condição dupla de erro – o risível se apresenta como uma fraqueza da alma, uma ignorância que reflete um vício, e o ridente, aquele que alia ao prazer um sentimento ruim, uma dor da alma (a inveja e a maledicência ligadas ao regozijo).

Daí porque gêneros como a comédia não seriam bem avaliados por Platão: primeiramente porque, em se tratando de um texto acima de tudo poético, seria uma imitação do mundo de aparências (uma cópia da cópia) e em segundo porque partiria de um duplo erro – o riso.

Não à toa, em fins do século V a. C., as comédias de autores como Aristófanos passam a sofrer um cerceamento, em que o apelo ao riso agressivo e arcaico que seus textos manifestavam é tomado como alvo de censura, já que não seria ideal que nem os políticos nem o povo fossem tomados como objeto de zombaria.

Essa “condenação moral” que Platão atribui ao riso, considerado por Sócrates como um “duplo erro”, tanto por meio do que se ri como também por meio de quem ri, também se manifesta em Aristóteles, ao considerar como objeto do gênero poético comédia aquilo que é risível (*gelaion*): um vício.

Diferente de tal concepção, a modernidade apresenta outras maneiras de conceber o riso, não mais como uma ofensa, mas sim como uma celebração. Dentre vários nomes, um que pode ser citado é o do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, aquele que diz “Sim”. Com sua “gaya scienza”, vai avaliar o fenômeno do riso com outras formas para além do par bem *versus* mal e de toda uma tradição que, ao olhar para certos fenômenos, diz “Não”. Ao explorar essa “gaiata indiferença frente à norma”, posiciona-se (pelo riso) contra toda essa concepção secular de um saber que renega o riso:

“Levar a sério. – O intelecto é, na maioria das pessoas, uma máquina pesada, escura e rangente, difícil de pôr em movimento. Chamam de levar a coisa a “sério”, quando trabalham e querem pensar bem com essa máquina. – oh, como lhes deve ser incômodo o pensar bem! A graciosa besta humana perde o bom humor, ao que parece, toda vez que pensa bem; ela fica “séria”! E “onde há riso e alegria, o pensamento nada vale”: - assim diz o preconceito dessa besta séria contra toda “gaiata ciência”. – Muito bem! Mostremos que é um preconceito! (NIETZSCHE, 2005, p. 217).

A tentativa de uma “gaiata ciência” se manifesta também, por exemplo, no pensamento de Larrosa (2017). Ao se autocoroar com o “chapéu de guizos”, determinado sujeito (um pensador, um professor etc.) assume a atitude de *opor sua declarada estupidez à estupidez mascarada e mentirosa dos que não se acreditam estúpidos* (LARROSA, 2017, p. 214).

Isto posto, cabe indagar: o que pensar sobre o recurso ao riso nas suas manifestações por meio do gênero *meme*? A qual dessas concepções parece

se filiar, sobretudo para aqueles que fazem uso de um procedimento humorístico específico, a *autoderrisão*?

Como ilustrarei, alguns *memes* podem manifestar esse embate discursivo entre tais posicionamentos (ou o que Nietzsche chamaria “choque de forças”): os exemplos aqui escolhidos priorizam a celebração do banal, do rotineiro e do ordinário como fonte temática na atitude de rir de si.

O riso de si no gênero discursivo *meme*

É claro que a autoderrisão – compreendida em linhas gerais como uma zombaria de si – não é um elemento próprio da cultura *ciber*. Na sua *História do Riso e do Escárnio*, Minois (2003) assinalou sua presença com o chamado “eremitismo”, movimento monástico dos séculos IV e V que rendeu textos cujo teor, contrariamente ao modelo imposto pelo cristianismo da época e seu modo de vida asceta, reclusa e sisuda, é indiscutivelmente humorístico.

Evidentemente, a autoderrisão nas redes sociais não pode ser caracterizada como o mesmo fenômeno dos “pais do deserto”, mas em muitos aspectos pode apresentar certos pontos de contato com o que se vê em alguns dos *memes* hodiernos, tal como ilustra Minois (2003) sobre a produção escrita dos eremitas da alta Idade Média:

O homem só tem um interlocutor íntimo – ele mesmo. Sem esperar chegar a um efeito, um brilho, sem esperar a admiração dos outros por seu traço de espírito, ele pratica um humor puro, despojado, reduzido a algo essencial – a autoderrisão em quarto fechado, contida em si mesmo. O humor solitário é o humor absoluto, por distanciamento em relação a si mesmo, sem ilusão, sem recurso, sem interferência exterior. É no face a face lúcido consigo mesmo que se atinge o máximo do humor. A trapaça é inútil, não há ninguém para enganar. Autêntico e verdadeiro, zombo de mim mesmo; impiedoso e terno, eu me desvelo minha própria miséria. Acuso-me e me desculpo ao mesmo tempo; desprezo-me e me amo por inteiro, ironicamente. Eu sou duplo, por instantes: dois seres contraditórios que caçoam um do outro e que, como partículas de signos opostos, se anulam quando se juntam, para tornar-se pura energia, uma ação cotidiana irrefletida (MINOIS, 2003, p. 151).

No caso dos *memes* aqui analisados, é possível dizer que reatualizam o que Propp (1992) chamou *riso bom*, isto é, um riso que desperta...

...aquela disposição de espírito que em nossas relações com os outros, pela manifestação exterior de pequenos defeitos, nos deixa entrever uma natureza internamente positiva. Esse tipo de humor nasce de uma inclinação benevolente (...) na maioria dos casos, o riso bom é acompanhado justamente por um sentido de afetuosa cordialidade (PROPP, 1992, p. 152-153).

Além de explorar esse “riso bom” (PROPP, 1992) com que “todos” podem se identificar, o humor nesses casos também é manipulado pela típica quebra entre esquemas opostos de raciocínio, como apontou Raskin (1985): normal X anormal; lógico X ilógico; típico X incomum etc. No caso dos *memes* analisados, essa quebra parece explorar uma *cenografia* que implica a oposição entre duas *situações de enunciação* distintas³ (uma situação primeira/anterior X secundária/atual), o que gera um efeito de surpresa e consequente riso.

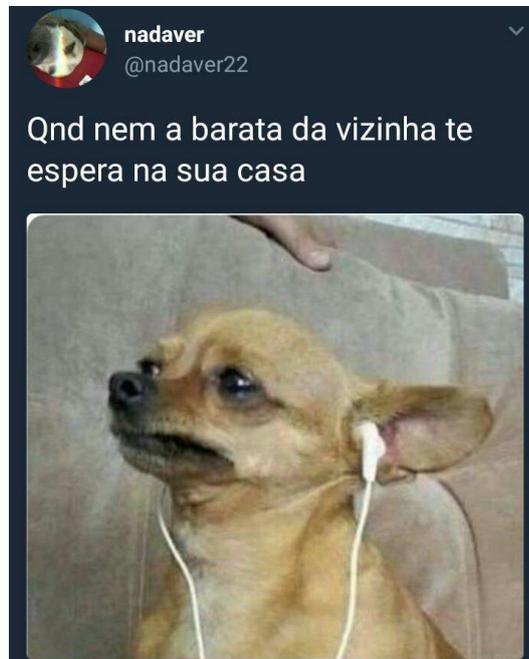
Além desse mecanismo discursivo, outros procedimentos tradicionais de humor podem ser assinalados:

Um primeiro a ser apontado é aquele em que a *pessoa é rebaixada ao nível do animal* (PROPP, 1992, p. 68), como mostram os seguintes exemplos (que fazem apelo a outros recursos humorísticos também, como o exagero cômico, que hiperdimensiona algum aspecto específico, como fazem as caricaturas, por exemplo):

como vcs acham que eu sou //
como eu realmente sou



:D



Outro recurso de linguagem que pode ser apontado como recorrente é a *ironia* nos *memes* que se valem da autoderrisão (PROPP, 1992). A ironia, como se sabe, (PROPP, 1992) consiste em afirmar um enunciado/sentido implícito por meio de um enunciado/sentido explícito que é, afinal, negado. Os exemplos a seguir ilustram isso:



Filósofei errado
@erradofilosofei

"não vou beber muito hoje, vou ficar de boa"

40 minutos depois



Filósofei errado
@erradofilosofei

qnd me olho no espelho



Mas o que é de se destacar é a ênfase em elementos próprios de rotinas de uma cultura digital (como referência a hábitos típicos, linguagem do “internetês” como abreviaturas, *emoticons* etc.):

Quando você levanta do vaso depois de
46 minutos vendo memes no celular



Fui na cartomante perguntar
se em 2018 minha vida iria
mudar pra melhor, e as cartas
responderam...



Para encerrar este artigo, uma última questão a partir de exemplos finais: o que sugere um *meme* como esse, que trata exatamente de um par emblemático para a discussão que aqui se esboçou: sorrir *versus* chorar:



Ou ainda este, que traz a oposição entre as atitudes de “afundar” e “festejar”?



Conclusão

Com base nas concepções sobre o riso acima discutidas e dos embates aí implicados a partir do gênero discursivo abordado, tudo faz crer que os *memes* manifestam menos uma concepção de riso platônica que rebaixa e mais uma concepção de riso nietzschiana que celebra. É possível constatar, assim, que os *memes* vistos (bem como outros possíveis) não parecem implicar efetivamente um escarnecimento e sim uma celebração do eu. Embora, sem dúvida, o “eu” seja tomado como o objeto risível, não parece haver aí uma zombaria efetiva, conforme o conceito de *riso de zombaria* proposto em Propp (1992) em que o objeto risível é encarado com uma

desdenhosa superioridade. Ou seja: o riso aí provocado pela autoderrisão não consiste realmente em um rebaixamento de si, pelo contrário, sugere uma afirmação triunfante do eu, bem possível no mundo contemporâneo de excessiva autoexposição e espetacularização do *self* nas redes sociais.

Assim, é possível considerar que os enunciadores, isolados e interconectados simultaneamente, tanto como produtores quanto como consumidores de *memes*, praticam uma autoderrisão que, em última instância, não necessariamente rebaixa a si mesmo; pelo contrário, coloca o “eu” em evidência, buscando no virtual interlocutor um sentimento de identificação e partilha, um sentimento de comunhão. As tribos digitais se afirmam e celebram a vida por meio do riso de si em *memes* que se filiam a estereótipos do “cidadão médio”, com aspectos e hábitos rotineiros: criar pets, ter um smartphone, sair para beber na sexta à noite, voltar sozinho para casa etc. Pode-se pensar que o “eu” é, na verdade, promovido positivamente no grande espetáculo do mundo digital e de uma cultura narcisista que as redes sociais, sem dúvida, ensejam.

Notas

¹ No que diz respeito à “fragmentariedade”, pode-se pensar no regime enunciativo aforizante que atravessa esse gênero, ou o que Maingueneau (2014) chama *destacabilidade*: enunciados que se dão como autônomos, de estruturação forte, generalizantes, com um tom ligeiramente solene, breves e de fácil memorização, podendo ou não ser estacados de outros textos (MAINGUENEAU, 2014, p. 13-21).

² De acordo com Raskin (1985), o riso advém do efeito de surpresa causado pelo choque entre esquemas distintos de raciocínios, isto é, a quebra entre campos semânticos postos em cena no texto humorístico (esperado *versus* inesperado).

³ Ver Maingueneau (2010).

Referências

- Dawkins, R. (2007)** O gene egoísta. (R. Rubino, Trad.).
- Harvey, D. (1994)** Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. (A. Sobral, M. S. Gonçalves, Trad.). 4 ed. São Paulo: Loyola.
- Larrosa, J. (2017)** Pedagogia profana. Danças, piruetas e mascaradas. (A. Veiga-Neto, Trad.). 6 ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Maffesoli, M. (1987)** O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. (M. L. Menezes, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maingueneau, D. (2010)** Situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. (N. B. da Costa, Trad.) In: S. Possenti, M. C.

- Perez de Souza-e-Silva (Org.). *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Mainueneau, D. (2014)** Frases sem texto. (S. Possenti, Trad.). São Paulo: Parábola.
- Minois, G. (2003)** História do riso e do escárnio. Maria Elena Assumpção, Trad.). São Paulo: Editora da UNESP.
- Nietzsche, F. (2005)** A gaia ciência. (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Platão. (2009)** Diálogos IV: Filebo. (Edson Biri. Bauru, Trad.). Bauru, SP: EDIPRO.
- Possenti, S. (2010)** Humor, língua e discurso. São Paulo: Contexto.
- Propp, V. (1992)** Comicidade e riso. (Vários tradutores). São Paulo: Ática.
- Raskin, V. (1985)** Semantic mechanisms of humor. Dordrecht: D. Riedel.

Nota biográfica

Cellina Muniz é escritora e professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publicou, dentre outros, os livros *Na tal cidade do humor* (2013) e *Notícias da Jerimunlândia: a imprensa de humor em Natal na Belle Époque* (2016).